

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, FILOLOGIA E TEORIA LITERÁRIA

Larissa Borges Parodi

O papel do narrador na construção de memória(s) e identidade(s) em
Eu que nunca conheci os homens

PORTO ALEGRE

2024

LARISSA BORGES PARODI

**O papel do narrador na construção de memória(s) e identidade(s) em
*Eu que nunca conheci os homens***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva

Coorientadora: Ma. Gabriela Pirotti Pereira

PORTO ALEGRE

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Carlos Bulhões

VICE-REITORA

Patrícia Pranke

DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Carmen Luci da Costa Silva

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Márcia Montenegro Velho

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Aline da Silva Argenta

CIP - Catalogação na Publicação

Parodi, Larissa Borges
O papel do narrador na construção de memória(s) e
identidade(s) em Eu que nunca conheci os homens /
Larissa Borges Parodi. -- 2024.
51 f.
Orientadora: Márcia Ivana de Lima e Silva.

Coorientadora: Gabriela Pirotti Pereira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa, Porto Alegre, BR-RS,
2024.

1. Memória. 2. Identidade. 3. Jacqueline Harpman.
4. Literatura Belga. 5. Maurice Halbwachs. I. e Silva,
Márcia Ivana de Lima, orient. II. Pereira, Gabriela
Pirotti, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LARISSA BORGES PARODI

**O papel do narrador na construção de memória(s) e identidade(s) em
*Eu que nunca conheci os homens***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 07 de fevereiro de 2024.

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

Fernanda Nunes Menegotto
Doutoranda em Letras pelo PPG Letras da UFRGS

Profa. Ma. Natália Pacheco Silveira

Profa. Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Ângela e Marcelo, e minha irmã Ana Gabriela, por terem me apoiado, não somente na faculdade, mas também em todas as escolhas de minha vida. Pai, obrigada por ser meu companheiro e ter me acompanhado em todos os momentos, desde o primeiro dia do vestibular até aqui. Mãe, obrigada por ter me gerado e por me agraciar todos os dias com seus ensinamentos que contribuem para que eu seja uma pessoa melhor. Obrigada pelo amor e carinho que têm por mim e por sempre acreditarem no meu potencial, mesmo que eu por muitas vezes me esqueça dele.

Agradeço ao meu companheiro, Bruno, que esteve presente nessa reta final da minha graduação. Obrigada por ser tão amoroso, gentil, dedicado e generoso comigo.

Além disso, agradeço a todos os meus amigos que contribuíram nessa minha caminhada até aqui. Thaisla, irmã que a vida me deu, obrigada pela nossa amizade de quase duas décadas e por apoio e incentivo. Jonas, muito obrigada por ter sido minha dupla de estágio e estar desde o início da faculdade comigo. Agradeço do fundo do meu coração toda a ajuda que me deu e tem me dado, pois se não fosse por ela, talvez eu não tivesse conseguido chegar até o final da graduação.

Agradeço também à minha amiga Luiza, que foi minha dupla no PIBID e no meu primeiro estágio, obrigada pela parceria e por todos os ensinamentos.

Às minhas amigas Raíssa, Grazi e Débora, muito obrigada pela amizade e por me encorajarem em diversos momentos.

Agradeço também à minha orientadora Márcia Ivana, por ter sido uma grande professora quando fui sua aluna e por ter topado embarcar nessa jornada comigo.

Por fim, agradeço imensamente à minha coorientadora Gabriela, por ter aceitado fazer parte desse momento tão importante na minha graduação. Obrigada pela dedicação e olhar carinhoso que teve com o meu trabalho, sua participação foi de suma importância para que eu conseguisse concluir essa etapa.

“Eu nunca tinha pensado com tanta clareza sobre nossa situação. Nas minhas histórias, sempre havia acontecimentos: na minha vida, não haveria nunca.”
(Jacqueline Harpman)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso analisa o romance *Eu que nunca conheci os homens* (2021) da escritora e psicanalista belga Jacqueline Harpman, originalmente publicado em 1995. A obra aborda a história de quarenta mulheres – trinta e nove adultas e uma menina – que se encontram presas em uma jaula coletiva, dentro de um porão, sob a vigilância de guardas – todos homens – que permanecem sempre em silêncio, apenas fornecendo provisões básicas para sobrevivência. Um dia, inexplicavelmente, uma sirene toca e os guardas fogem, deixando as chaves na porta da jaula. A menina pega, abre a porta e as liberta. Essa menina não nomeada, apenas apelidada de Pequena, foi criada dentro da jaula. Logo, vive sem ter memórias do mundo exterior, tendo como fonte de conhecimento somente as lembranças que as outras mulheres aceitam compartilhar. Após a fuga, ela e as companheiras rumam em busca de alguma civilização ou resposta em relação ao acontecido, mas encontram apenas um lugar inóspito e desconhecido. A história é narrada por essa personagem já idosa e adoecida que decide, no final de sua vida, narrar sua história e experiência que passou com essas mulheres. Dessa forma, a análise feita do romance apoia-se predominantemente nas ideias sobre memória propostas por Maurice Halbwachs em *A memória coletiva* (1990). O foco da pesquisa recai sobre as percepções da protagonista enquanto narradora respaldada pelo conceito de narrador de Walter Benjamin, a partir de sua obra *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura* (1987). Ao relacionar as impressões de Benjamin sobre narração com a teoria de Maurice Halbwachs sobre memória, busca-se identificar qual o papel que a narradora teve na construção das memórias, tanto sua individual quanto a coletiva do grupo. Ademais, é tratado sobre identidade e cultura à luz dos autores Cuche (1999), Hall (1997, 2006, 2014), Pollak (1992) e Silva (2014), pois todas as mulheres tinham uma vida já formada antes da jaula e, por conseguinte, sua própria identidade, exceto a Pequena, que teve sua identidade construída a partir daquele único meio social em que foi inserida. Isto posto, será analisado como ocorre a conceituação de identidade individual e coletiva na obra. Além disso, será abordada a questão da construção de identidade a partir da cultura que as mulheres criaram no confinamento e, como o papel da narradora contribuiu para a construção da sua identidade e reconstrução, ao narrar a

história, da identidade das outras prisioneiras. Os resultados desse estudo apontaram a importância da memória e da identidade para formação do sujeito e da coletividade, sendo assim, o presente trabalho pôde proporcionar uma reflexão sobre o significado de ser humano em sociedade, visando contribuir não somente para enriquecer as pesquisas sobre a autora – visto que não há muitos estudos em língua portuguesa sobre ela – mas também para estudos futuros sobre a inter-relação dos conceitos de memória e identidade no contexto literário.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Jacqueline Harpman. Literatura Belga. Maurice Halbwachs.

ABSTRACT

The present paper aims to analyze the dystopian novel *I Who Have Never Known Men* (2021), written by the Belgian writer and psychoanalyst Jacqueline Harpman, originally published in 1995. The novel delves into the story of forty women – 39 adults and one girl – who find themselves trapped in a collective cage inside a basement, under the surveillance of guards – all men – who remain consistently silent, only providing them with basic provisions for survival. One day, inexplicably, a siren sounds, and the guards flee, leaving the keys in the cage's door. The girl takes them, opens the door, and sets the women free. This unnamed girl, simply nicknamed The Child, was raised inside the cage and thus lives without memories – both individual and collective – of the outside world, relying solely on the memories that the other women are willing to share. After the escape, she and the women set out in search of civilization or answers regarding what happened, but they only find an inhospitable and unknown place. The story is narrated by this elderly and ailing character who decides, at the end of her life, to narrate her story and the experiences she had with these women. In this way, the analysis of the novel predominantly relies on Maurice Halbwachs' ideas about memory as proposed in *On Collective Memory* (1990). The research focuses on the perceptions of the protagonist as a narrator supported by Walter Benjamin's concept of the narrator from his work *Illuminations: Essays and Reflections* (1987). By relating Benjamin's insights on narration to Maurice Halbwachs' theory on memory, the aim is to identify the role that the narrator plays in constructing both the girl's individual memories and the group's collective memories. Furthermore, the thesis addresses issues of identity and culture in light of the theories of Hall (1997, 2006, 2014), Pollak (1992), and Silva (2014), as all the women had established lives before the cage, and consequently, their own identities – except for The Child, whose identity was constructed within the only social environment she knew. Therefore, the analysis will examine how the conceptualization of individual and collective identity unfolds in the novel. Additionally, it will explore the construction of identity based on the culture they created in confinement and how the narrator's role contributed to shaping The Child's own identity and reconstructing, through storytelling, the identities of the other prisoners. The results of this study highlighted the importance of memory and identity in the formation of the individual and the community. Thus, the

present work was able to provide a reflection on the meaning of being a human in society, aiming to contribute not only to enriching research on the author – given the scarcity of studies in the Portuguese language about her work – but also to future studies on the interrelation of the concepts of memory and identity in the literary context.

Keywords: Memory. Identity. Jacqueline Harpman. Belgian literature. Maurice Halbwachs.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 A OBRA E SEU CONTEXTO.....	15
2.1 SOBRE A AUTORA.....	15
2.2 SOBRE A OBRA.....	16
3 SOBRE MEMÓRIA.....	18
3.1 MEMÓRIA INDIVIDUAL.....	19
3.2 MEMÓRIA COLETIVA.....	23
3.3 O PAPEL DO NARRADOR NA CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA(S).....	29
4 SOBRE IDENTIDADE E CULTURA.....	37
4.1 IDENTIDADE INDIVIDUAL.....	37
4.2 IDENTIDADE COLETIVA E CULTURA.....	40
4.3 O PAPEL DO NARRADOR NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE(S).....	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

O livro *Eu que nunca conheci os homens* trata sobre a história de uma personagem sem nome, que se encontra presa em uma jaula coletiva junto com outras 39 mulheres, sendo a única que cresceu dentro desse lugar e que não tem memórias de sua vida anterior nem do mundo externo.

Minha motivação para escrever sobre essa obra se deu em 2021, quando, em meio à pandemia, assinei o clube de livros TAG Inéditos. Desde então, utilizei a leitura como uma forma de minimizar a ansiedade que esse período causou em minha vida e também como uma distração para meus dias, já que não podia sair de casa e socializar com meus amigos e família.

Essa obra foi indicada como item opcional na caixinha mensal, e de pronto me interessei pela sua sinopse, que se apresentava muito interessante, em razão da ausência de memórias da protagonista e pelo fato dela só saber o que existe no mundo através da narrativa das outras mulheres. Não pude adquiri-la como livro físico, mas baixei no meu Kindle — dispositivo para leituras de e-books — que foi uma das melhores aquisições que já fiz, tanto que no ano anterior cheguei a ler cinquenta obras.

Depois que terminei a leitura, em novembro de 2021, fiquei com a história “martelando” na minha cabeça, pela sua profundidade e final não agradável. Já no mês seguinte tive a oportunidade de falar sobre a obra, pois precisava escrever o ensaio final para a cadeira de Teoria da Literatura II, disciplina que cursei com a Prof^a Márcia Ivana de Lima e Silva, orientadora desta monografia.

Nesse ensaio, tratei então sobre como a protagonista da obra encaixava-se nos arquétipos de narrador conceituados por Walter Benjamin — ensaísta e crítico alemão — em sua obra *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura*, publicada em 1985, após sua morte.

No ano seguinte à leitura da obra de estudo, quando estava fazendo o Estágio de Docência em Língua Portuguesa II, no Colégio de Aplicação da UFRGS, eu e meu colega e amigo, Jonas Dutra, trabalhamos com o terceiro ano do ensino médio sob supervisão do Professor Aduino Locatelli Taufer. Nesse período, lecionamos sobre a obra *Caderno de memórias coloniais* — da autora moçambicana Isabela Figueiredo — que era leitura obrigatória para o vestibular da UFRGS e assim tive contato com as

teorias sobre memória, tanto a individual quanto a coletiva, ao ler os textos dos autores Maurice Halbwachs e Michael Pollak, os quais abordarei neste trabalho.

Sendo assim, tive a ideia de trabalhar a questão da memória na obra *Eu que nunca conheci os homens*, pois o assunto ia ao encontro das teorias que mencionei acima. A obra é toda pautada em como a personagem e narradora Pequena vive sem ter as memórias — individuais e coletivas — do mundo exterior à jaula e como isso acaba sendo o que norteia a narrativa, pois as outras mulheres prisioneiras têm que criá-la e assim, a partir de sua memória coletiva, tentar inculcar na mente da menina um imaginário sobre o mundo externo e suas coisas, a fim de que ela consiga viver nele, caso um dia elas saiam do porão.

Ademais, pensei em abordar os tópicos de identidade e cultura pois todas as mulheres da jaula tinham uma vida antes de pararem lá e, por conseguinte, sua própria identidade, exceto Pequena, que teve sua identidade construída a partir daquele único meio social que foi inserida. Isto posto, analisarei — baseando-me na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), de Stuart Hall — como ocorre a conceituação de identidade individual e coletiva na obra. No mesmo capítulo, abordarei a questão da construção da identidade a partir da cultura que elas criaram no confinamento e, em sequência, como o papel da narradora contribuiu para a construção de sua identidade e reconstrução, ao narrar a história, da identidade das outras prisioneiras.

Destarte, este trabalho será dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo constará a introdução da presente monografia, apresentando um resumo sobre a obra a ser analisada, destacando os principais pontos a fim de contextualizar o cenário literário. Já o segundo capítulo se subdivide em duas seções, apresentando a autora e a obra.

O terceiro capítulo, dividido em três seções, trata em um primeiro momento sobre a concepção teórica de memória e nas duas seções seguintes aborda a questão da memória individual e coletiva na obra sob a ótica de Maurice Halbwachs, mais precisamente no que tange a sua obra *A memória coletiva* (1990). A última seção aborda como o papel da protagonista e narradora da história contribui para a construção da memória coletiva do grupo e para a reconstrução de sua memória individual, sob a ótica benjaminiana do conceito de narrador.

O quarto capítulo, dividido em três seções, trata sobre o conceito de identidade, sob a concepção teórica de Stuart Hall e de Michael Pollak, abordando na primeira seção a percepção de identidade individual; já na segunda seção, é tratada a questão da identidade coletiva e a relação entre identidade e cultura. Por fim, a última seção versa sobre o papel da protagonista enquanto narradora na construção da sua própria identidade e na reconstrução da identidade de suas companheiras de grupo.

Diante disso, o presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar o romance a partir de uma revisão bibliográfica teórica dos autores citados, prometendo uma abordagem crítica sobre memória e identidade na obra, visando enriquecer a compreensão do leitor sobre as complexidades que permeiam a história da Pequena e suas companheiras de jaula. O trabalho proposto abordará de forma abrangente a importância da memória — tanto a individual quanto a coletiva — na obra, destacando a influência benjaminiana na narração e tratará mais concisamente sobre a conceituação de identidade e a contribuição da narradora na construção de sua própria identidade ao longo da narrativa e na reconstrução, através da rememoração, da identidade das outras mulheres a partir dos registros escritos da personagem.

Assim, a conclusão deste estudo pretende revelar as camadas profundas de significado presentes na obra, contribuindo para uma compreensão mais ampla e crítica das interconexões entre memória, identidade e cultura no contexto literário proposto.

2 A OBRA E SEU CONTEXTO

Nesta primeira seção será abordada uma breve biografia da autora, tratando primeiramente sobre sua vida pessoal, mencionando desde sua infância até a entrada na Faculdade de Medicina. Após isso, será falado sobre o início de sua trajetória na escrita, sua pausa para concluir os estudos e a retomada como escritora. Já na seção seguinte, será apresentado um resumo da obra *Eu que nunca conheci os homens*, explicando as partes fundamentais para entender o ambiente narrativo da história.

2.1 Sobre a autora

Nascida em 1929, Jacqueline Harpman foi uma escritora belga sobre a qual há poucas informações escritas; também não há muita discussão sobre suas obras, pelo menos em língua portuguesa. Originária de família judia, ela e seus familiares precisaram — em 1940 — fugir da perseguição nazista, logo, Harpman passou parte da infância em Casablanca, no Marrocos.

Quando retornou à Bélgica, terminou seus estudos secundários e se matriculou na faculdade de Medicina em 1947. Porém, aos 21 anos foi acometida de tuberculose e precisou ficar quase dois anos em tratamento em um sanatório; depois de curada, ela retomou seus estudos e aos 24 anos deixou definitivamente a Medicina. A partir de então, dedicou-se totalmente à escrita e publicou sua primeira obra aos trinta anos, em 1958, intitulada *L'Amour et l'acacia*, na sequência publicou *Brève arcadie*, em 1959, *L'apparition des esprits*, em 1960, e *Les bons sauvages*, em 1966.

Depois de publicar esses romances, a carreira da escritora sofreu uma pausa, a fim de que ela pudesse se dedicar aos estudos para se tornar psicanalista. A escritora só retornou à sua carreira literária em 1987, quando publica o romance *La mémoire trouble*. Nos anos seguintes, Harpman publicou um total de onze romances e uma novela entre 2000 e 2007. Em 2007, publicou sua última obra *Ce que Dominique n'a pas su*, depois disso, a escritora adoeceu e veio a falecer em 2012.

Jacqueline Harpman deixou-nos como legado uma ampla coleção literária, com mais de vinte obras publicadas. Uma delas, *Orlanda* — possivelmente a mais famosa — publicada em 1996, venceu o *Prix Médicis* no ano de 1998. Além dessa, outras obras

de sua autoria, como *La plage d'Ostende* (1991), *Moi qui n'ai pas connu les hommes* (1995), *Dieu et moi* (1999) e *La dormition des amants* (2002) foram traduzidas para o inglês, alemão e italiano.

Contudo, dentre suas obras publicadas, somente *Eu que nunca conheci os homens* foi traduzida para o português até o presente momento, através da Editora Dublinense, que a publicou em 2021.

2.2 Sobre a obra

O livro *Eu que nunca conheci os homens*, escrito em 1995, é um romance que nos conta a história de quarenta mulheres — sendo 39 adultas e uma menina — que se encontram presas em uma jaula coletiva, dentro de um porão, sob a vigilância de guardas que permanecem sempre em silêncio: todos homens. Um dia, misteriosamente, toca uma sirene e então os guardas fogem, deixando as chaves na porta da jaula. A menina pega, abre a porta e as liberta. Essa menina só “conhece” a vida fora da cela através das lembranças que as outras mulheres aceitam compartilhar, e é ela que conduz as demais prisioneiras em fuga, apenas para encontrarem um lugar inóspito e desconhecido.

A história, então, é narrada por essa personagem não nomeada, que é apelidada pelas outras como “Pequena”. A obra inicia com ela já madura e adoecida, acometida de um câncer no útero, devendo ter aproximadamente sessenta anos. Ela conta sobre seu recente interesse por prefácios de livros, que a trazem o questionamento:

Com frequência eles parecem sentir a necessidade de enfatizar que não há vaidade em sua empreitada, que foram convidados a escrever e que hesitaram antes de aceitar. Que coisa curiosa! Isso me leva a crer que as pessoas não eram sedentas por aprender e que era preciso ficar se desculpando por querer transmitir seus conhecimentos. (Harpman, 2021, p. 10)

A narradora relata que era a mais nova do grupo de mulheres, a única que ainda era criança quando iniciou o confinamento. Por conseguinte, todas pensaram que ela só podia estar entre elas por engano e que no meio do tumulto que aconteceu no momento da captura a Pequena devia ter sido enviada para o lado errado e acabou

parando nessa jaula. Ao longo do livro, principalmente no momento após a fuga da cela, essa linha de raciocínio é reforçada, pelo fato que quando encontram novas porções com outras jaulas percebem que um padrão é seguido: todas contêm 39 encarcerados, homens ou mulheres, em idade adulta.

Ao iniciar sua narrativa, ela conta que no dia anterior recordou-se de uma das colegas de jaula já falecida: Théa. Além de saudosa, a narradora experimenta então sensações que não tinha sentido antes, como uma onda de tristeza profunda, o que a fez perceber que ela tinha amado suas companheiras. É nesse momento que ela percebe que, ao contrário do que pensara ao longo da vida, era capaz de sofrer, e que, portanto, era sim humana. A personagem reflete sobre o fato de não ter o hábito de pensar em seu passado e que por conta disso estava esquecendo de sua história de vida: “Foi aí que me dei conta que eu não pensava nunca no passado, eu vivia num presente perpétuo e estava gradualmente esquecendo a minha história” (Harpman, 2021, p. 12). À vista disso, ela toma a decisão de contá-la através da escrita — que aprendera com suas colegas após saírem da jaula; esse processo de escrita do seu relato se deu em um mês, seu último de vida.

Primeiro dei de ombros, dizendo a mim mesma que não seria uma grande perda, uma vez que nada havia acontecido comigo, mas, logo em seguida, esse pensamento me chocou. **Afinal de contas, se eu era um ser humano, minha história era tão importante quanto as do rei Lear ou do príncipe Hamlet, que o tal William Shakespeare tinha se dado ao trabalho de contar em detalhes.** (Harpman, 2021, p. 12, grifos próprios).

Sendo assim, a história segue com a protagonista narrando a partir da memória mais antiga que tem — enquanto era uma menina — na jaula, passando pelo momento da fuga das mulheres e a saga delas na busca por uma cidade, por tentar saber onde estão ou pelo menos um lugar que as dê uma noção do que aconteceu e o porquê dessa situação.

3 SOBRE MEMÓRIA

Ao sintetizar brevemente as ideias do sociólogo francês Maurice Halbwachs, introduzidas na sua obra *A memória coletiva* (1990) percebe-se que a memória é uma construção processual, pois está ligada ao tempo presente e sempre será com a visão do presente que lembramos de um evento no futuro. Ainda, podemos considerar que os quadros sociais constitutivos da memória estão fortemente relacionados às relações identitárias dos grupos sociais e não somente à simples inserção dos indivíduos em determinado meio. Somente através da relação do indivíduo com o ambiente este poderá adquirir um senso identitário e de pertencimento.

O romance apresenta um mundo em que há uma necessidade de reestruturação em um outro território de cultura diferente. Refletindo sobre os desafios subjetivos dos contatos interculturais causados por esse contexto, podemos perceber na obra que a ruptura com o mundo que as mulheres conheciam ocasionou de certa forma, mas não totalmente, em uma descontinuação de hábitos, costumes, rotinas e normas. O choque ocasionado pelo encarceramento, juntamente com a desestabilização dos seus sentidos de pertencimento e de identidade, foi responsável por um processo de desumanização das personagens, principalmente da Pequena, que se questionava várias vezes ao longo da obra se ela podia ser considerada humana e o que a constituía como tal. Dessa maneira, o elemento memória tem como função reter — mesmo de forma muitas vezes simbólica — os elos sociais com o passado, pois a memória é também uma construção social. Somos concebidos pelo meio e através dele nos constituímos:

A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento (CANDAU, 2014, p. 16).

Destarte, conclui-se que a memória não é apenas um arquivo estático do passado, mas uma construção dinâmica que molda e é moldada por nossas experiências presentes. O entendimento da memória como um processo em constante

evolução, intrinsecamente ligado aos quadros sociais e identitários ressalta a complexidade das relações entre indivíduos e sociedade. No contexto das experiências interculturais abordadas na obra, a perda de referências familiares e culturais gerou um impacto profundo nas personagens, especialmente na Pequena, cuja busca por identidade e compreensão da humanidade se tornou uma constante.

Portanto, a obra, como veremos nas seções seguintes, nos lembra que a memória é mais do que um simples registro do passado; ela é um meio pelo qual construímos nossa narrativa, moldamos nossa identidade e nos constituímos como sujeito. Assim, ao confrontarmos os desafios do esquecimento, compreendemos que a memória é uma ferramenta essencial para a preservação dos laços sociais e construção de significado em nossas vidas.

3.1 Memória individual

A narrativa se inicia com a personagem rememorando seu passado, a fim de transformá-lo em um relato escrito de suas memórias e, de certa forma, das outras prisioneiras também. Inicialmente, as mulheres não tinham interesse nem vontade de compartilhar o que sabiam do mundo externo com a Pequena, dizendo que não teria utilidade nenhuma para ela saber sobre coisas como sexo, casamento e outras questões que ela perguntava, pois alegavam que nada disso aconteceria com ela. Esse fato fazia com que a Pequena se sentisse excluída e privada da única coisa que ela poderia ter um dia: o saber.

Será que elas se calavam para criar uma menina que não sabia nada e que as consideraria as guardiãs de uma maravilha? **Não estariam elas me mantendo na ignorância só para fingir que não eram absolutamente miseráveis?** Às vezes elas alegavam que era por pudor, mas dava para perceber que, entre elas, não havia pudor algum, elas cochichavam, seguravam a risada, elas eram indecentes. **Eu não faria amor, elas não fariam mais: talvez estivéssemos em pé de igualdade e elas estivessem tentando se consolar me privando daquilo que podiam me privar** (Harpman, 2021, p. 15, grifos próprios).

As memórias da Pequena que vêm de sua experiência vivida são somente aquelas em que ela está junto com as outras mulheres, tanto dentro da jaula quanto fora dela após a fuga do grupo. Visto que ela devia ter em torno de cinco anos quando

foi parar na jaula, não há recordações sobre sua vida anterior. Pode-se especular que isso tenha ocorrido após a exposição da personagem a um trauma, e que esse choque possa ser o fator responsável pela ausência de memórias individuais.

O conceito de memória segundo Maurice Halbwachs é centralizado na ideia de que a memória é um fenômeno social e coletivo. O crítico desenvolveu essa abordagem em seu trabalho *A Memória Coletiva* ("*La mémoire collective*"), publicado postumamente em 1950. Assim, Halbwachs defende que a memória não é apenas uma função individual do cérebro, mas é profundamente influenciada pelo contexto social em que as pessoas vivem.

A concepção de "quadros sociais da memória" foi introduzida por Halbwachs a fim de descrever as estruturas sociais como famílias, comunidades e grupos sociais, que moldam e dão significado às lembranças individuais. Dessa forma, a memória organiza-se por meio de toda a realidade bem como as interações com indivíduos, objetos e eventos temporais. Nesse sentido, as representações do passado moldam-se a essas facetas da realidade e são contextualizadas socialmente por meio do espaço, do tempo e da linguagem.

Segundo Halbwachs, as lembranças individuais são indissociáveis das relações sociais e das experiências compartilhadas dentro de grupos específicos, uma vez que as pessoas lembram de eventos passados não somente como indivíduos isolados, mas como membros de comunidades e sociedades. Sendo assim, ele argumenta que tanto a memória individual quanto a memória coletiva são construções sociais compartilhadas, e as lembranças individuais são contextualizadas dentro desses quadros sociais. No romance, a narradora expressa essa noção quando diz:

No mais longe que consigo voltar, estou no porão. Será isso que chamam de lembranças? Nas raras ocasiões em que as mulheres concordaram em me contar alguns momentos das suas histórias, havia acontecimentos, idas e vindas, homens: **quanto a mim, eu me limito a chamar de lembrança a sensação de existir num mesmo lugar, com as mesmas pessoas, fazendo as mesmas coisas, que eram comer, excretar e dormir.** (Harpman, 2021, p. 12, grifos próprios)

Na construção de seu conceito de memória, Halbwachs traz alguns exemplos referentes às memórias da primeira infância, pois de acordo com ele, o fato de não

termos lembranças desse período das nossas vidas explica-se em razão de que nesta fase nossas impressões não se ligam a nenhuma base comum enquanto ainda não nos tornamos um ser social. Visto isso, há um momento em que a Pequena recorda que tinha uma mãe, que não era órfã, mas o que evoca essa lembrança é o campo sentimental dela e não algo imagético, pois ela não consegue vislumbrar esse episódio, apenas trazer à tona o sentimento; isso acontece após as outras mulheres contarem sobre suas vidas de antigamente, lembrando de seus maridos e filhos.

Segundo Benjamin (1987, p. 205): “Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido”. Sendo assim, esse fator de não saber nada sobre o mundo externo e nem ter memórias dele contribuiu para que a personagem fosse moldada, como uma *tabula rasa* a partir dos conhecimentos das outras mulheres, pois elas eram a única fonte na qual ela teria acesso às respostas de seus questionamentos. Essa dinâmica se explicita quando Pequena relata:

E assim elas se viram numa discussão sobre o casamento ser algo bom ou não, no meio daquele deserto onde não havia nenhum homem para casar, para trair ou para abandonar, e, quando se deram conta, caíram na gargalhada. **Logo depois, porém, elas choraram e eu já não era mais capaz de compreendê-las. Depois elas tiveram pena de mim, porque eu não iria conhecer o amor, e era como nas vezes em que elas falavam do chocolate ou da maravilha de tomar um banho quente: eu acreditava nelas sem conseguir imaginar direito do que se tratava.** (Harpman, 2021, p. 105, grifos meus)

A narradora nos conta que a falta de experiências anteriores à jaula lhe causou uma “lacuna” nos seus sentimentos, pois quando as outras prisioneiras contavam suas histórias envolvendo casamento e filhos, ela não compreendia as reações emocionais que elas tinham: ou seja, alguns sentimentos só poderiam ser desenvolvidos a partir da experiência e convívio com outros indivíduos. Ainda, o fato de ela reconhecer que não sabe nada do que as mulheres contam e de não recordar nada de sua infância, causa-lhe uma sensação de não pertencimento àquele grupo e esse sentimento desvela o que tanto lhe incomoda, a sensação de não se sentir humana: “Devem ter me faltado algumas das experiências que tornam alguém realmente um ser humano” (Harpman, 2021, p. 106).

No momento em que nos conta a trama, a personagem explica que apesar das mulheres terem contado várias histórias sobre suas vidas antes da jaula, sobre o que faziam e como eram suas famílias, isso não era o suficiente para que ela retivesse na memória o que foi narrado, pois a falta de conhecimento do mundo exterior não permitia que ela construísse mentalmente o que fora contado, afetando sua imaginação. Isso se exemplifica quando a narradora declara: “Não me recordo bem das histórias que me contaram, provavelmente porque muitas coisas eram desconhecidas para mim e não despertavam imagens na minha mente” (Harpman, 2021, p. 106).

O encarceramento e a restrição sensorial afetaram a memória individual das mulheres, pois algumas se recordam de terem sido drogadas por um longo período no início do confinamento e de terem sido submetidas a um tipo de terror psicológico antes de ficarem presas na jaula. Elas não sabem se houve tortura física, mas concordam em relação ao uso de drogas para manipular a memória: “— Tinha drogas estranhas, que afetavam a memória, produziam falsas lembranças — disse Emma” (Harpman, 2021, p. 52).

O isolamento social pode provocar diversos efeitos negativos como desorientação em geral e alterações na percepção do tempo e espaço. No decorrer da obra podemos ver esses efeitos acontecendo quando as mulheres se dão conta de que o tempo dentro da jaula “passa” diferente do que passaria fora dela, devido à manipulação da rotina pelos guardas e às condições de vida das mulheres foram restringidas de forma abrupta e reduzidas ao mínimo para a sobrevivência.

O ato de lembrarem do mundo anterior causa muito sofrimento a elas, porque além da saudade por terem sido separadas dos familiares, há também a tristeza pela falta de coisas consideradas banais como linha de costura, sabonete, chocolate e hábitos que as faziam sentirem-se humanas como tomar banho e poder fazer as necessidades fisiológicas em local adequado e com privacidade. Além disso, outro fator que fez com que elas tivessem suas memórias individuais afetadas foi o próprio medo do sentir, pois em determinado momento elas — para não sofrerem mais — foram evitando que as memórias ressurgissem em suas mentes:

Elas tiveram maridos, amantes, filhos: elas se deram conta que, de tanto terem medo de pensar naquilo, por causa da tristeza, esqueceram de quase tudo.

Minhas perguntas estavam reabrindo as feridas. No entanto, elas não tentaram me calar, pois estavam assustadas por terem perdido a própria história (Harpman, 2021, p. 53).

Ademais, a transmissão de conhecimentos por meio de narrativas contadas pelas mulheres contribuiu expressivamente para a formação da memória individual da Pequena, principalmente em relação a como era o mundo exterior, uma vez que ela foi criada na jaula e as mulheres tiveram que ensiná-la sobre tudo que existia naquele mundo anterior. Sendo assim, em razão delas não possuírem recursos, como o papel, no intuito de mostrar — de forma ilustrada — coisas como objetos e partes do corpo, só lhe restavam contar por intermédio da narrativa oral e de forma minuciosa para que a Pequena tentasse gravar em sua memória essas descrições — pois não poderia conceber de forma imagética algo que nunca viu — e lembrar delas em um possível futuro.

3.2 Memória coletiva

Com base nas ideias de teóricos como Maurice Halbwachs, a partir da sua obra *A memória coletiva* (1990) e Jacques Le Goff em *História e Memória* (2013), pode-se definir memória coletiva como um conjunto de lembranças, tradições, saberes e eventos compartilhados por esses membros ao longo do tempo. A memória coletiva possui papel fundamental na construção da identidade e da cultura de um grupo ou sociedade, pois além de ajudar a moldar a identidade de um grupo, também contribui para a compreensão comum da própria identidade e diferenciação em relação a outros grupos.

Ainda, a memória coletiva tem essencial contribuição na sociedade, porque é a partir dela que são realizados diversos papéis basilares, tais como a transmissão de valores culturais e éticos passados através das gerações, a partir de histórias, rituais e tradições que englobam os preceitos básicos de determinado grupo. Ademais, a memória coletiva tem a capacidade de manter vivas essas tradições, práticas culturais, linguagens e outros elementos, exercendo um papel essencial na preservação de histórias e culturas ao longo do tempo a fim de evitar a perda desses elementos que são expressivos em uma identidade cultural.

De acordo com Halbwachs, aquele que recorda está sempre inserido numa sociedade, na qual há um ou mais grupos de referência. Por conseguinte, a memória individual é construída em grupo, pois “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, que pode variar conforme o lugar que ali se ocupa e que “esse lugar também pode mudar de acordo com as relações que se mantêm com outros meios” (1990, p. 51).

A memória coletiva que as mulheres têm sobre a sociedade anterior contribui para a preservação da identidade e da cultura, auxiliando-as na reconstrução — de forma parcial — da cultura do mundo anterior, a partir dos elementos disponíveis na sociedade atual. Uma vez dentro da jaula, elas buscam organizar uma rotina e fazer as atividades da mesma forma que antigamente. Por exemplo, as mulheres se obrigam a fazer um pouco de atividade física todos os dias, para não perderem suas forças e nem ficarem doentes, apesar da alimentação simples.

Além disso, as prisioneiras tentam tornar os eventos considerados comuns na rotina, como cozinhar, em momentos em que elas possam, de certa forma, ser afetuosas umas com as outras. De outra forma, não podem demonstrar carinho de forma física, devido ao fato de que os guardas não permitem que elas se toquem ou tenham rompantes emocionais, “punindo-as” com o estalar de um chicote no ar, caso isso aconteça.

Então, quando estão preparando as refeições, elas podem conversar de forma mais descontraída, contar suas histórias, compartilhar os conhecimentos que têm sobre culinária e até mesmo inventarem coisas dizendo umas às outras que a comida ficaria diferente se colocassem os ingredientes em ordens diferentes; são nesses momentos elas riem e relembram de quando faziam essa atividade de forma prazerosa, no mundo anterior.

Outrossim, a Pequena conta que ela e as mulheres recebiam, de vez em quando, alguns metros de tecido para que elas pudessem se vestir, porém, como elas não tinham acesso a objetos cortantes, tinham que rasgá-los cuidadosamente para depois confeccionar os vestidos de corte rudimentar que usavam. Ainda, era fornecida a elas a agulha, mas a quantidade de linha que era dada nunca era o suficiente. Logo, Dorothée — uma das mulheres mais velhas — lembrou-se que, em um passado

remoto, usava-se fios de cabelo para bordar, assim deu a ideia de que elas usassem seus próprios fios de cabelo — de forma trançada — para costurar; as costuras, logicamente, não tinham boa durabilidade, mas elas sempre teriam matéria-prima para refazê-las, sendo essa apenas uma das estratégias que elas usavam para substituir coisas do mundo anterior que não possuíam no atual.

Destarte, a memória coletiva das mulheres proporciona uma base de entendimento compartilhado capaz de promover a coesão social entre elas, pois ao compartilharem experiências passadas e traços culturais, as mulheres se sentem conectadas umas às outras, o que promove um senso de pertencimento e unidade. Desse modo, a recuperação — mesmo que parcial — de elementos comuns em suas culturas, a partir do compartilhamento das memórias individuais de cada uma, possibilita a criação de uma atmosfera de pertencimento a fim de resgatar a humanidade delas, visto que foram reduzidas a um estado animalesco que buscava despersonalizá-las.

Para Halbwachs (1990, p. 25), se nossas ideias e percepções podem basear-se não somente sobre nossas lembranças, mas também sobre as lembranças dos outros, então nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não somente pela mesma pessoa, mas por várias. Assim, as mulheres se respaldam na memória uma das outras para conseguirem corroborar aquilo de que se lembram do mundo exterior, a fim de não apenas transmitirem o que conhecem desse mundo para a Pequena, mas também como uma forma de tentarem entender o que aconteceu para que elas fossem presas.

Sendo assim, a memória coletiva dessas mulheres é constituída por todas as experiências vividas no mundo exterior antes de serem encarceradas, as vividas dentro da jaula e as que vêm após a libertação, quando conseguem fuga. Dessa forma, o ponto de convergência dos conhecimentos que elas trazem é basicamente as noções essenciais de uma sociedade, como os conceitos de família e trabalho, além dos saberes que a maioria dos seres humanos possui, que é entender o que significa cada objeto e instrumento — coisas que a Pequena não tinha como saber porque nunca os viu. Somente algumas das mulheres, que tinham mais instrução, como Théa — que era

enfermeira — detinham conhecimentos mais acadêmicos do que as outras que eram, por exemplo, donas de casa.

Segundo Fábio Rios (2013, p. 5), o sujeito, ainda que construa lembranças baseadas em experiências individuais, precisa recorrer a instrumentos que lhe são fornecidos pelo meio social, tais como as ideias e as palavras. Sendo assim, somente a partir da memória coletiva é possível tornar sua experiência inteligível e comunicável, não apenas para os outros, mas também para si mesmo; logo, se o indivíduo fosse absolutamente isolado não seria capaz de construir qualquer tipo de experiência e de manter qualquer tipo de registro sobre o passado.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 1990, p. 27).

Ainda, em consonância com o que Halbwachs postula, mesmo que somente um indivíduo tenha a sensação de ter experimentado determinados eventos e tenha contemplado objetos e acontecimentos exclusivos aos quais apenas ele teve acesso, as recordações desses eventos ainda mantêm um caráter coletivo. Dessarte, outros podem evocar essas lembranças, mesmo que não tenham vivenciado ou presenciado diretamente tais acontecimentos, isso ocorre porque para “confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (Halbwachs, 1990, p. 31).

Conforme Halbwachs (1990, p. 27), é possível que uma ou mais pessoas, ao reunir suas lembranças, consiga descrever de maneira precisa os eventos ou objetos que experienciamos simultaneamente a elas. Além disso, podem reconstruir integralmente a sequência de nossas ações e palavras em circunstâncias específicas, mesmo que nós mesmos não recordemos completamente esses detalhes.

Quando as mulheres tentam rememorar o que aconteceu antes do confinamento elas se reúnem e esforçam-se para juntar as lembranças de cada uma a fim de conseguirem reconstruir esses acontecimentos, porém o que se recordam não é o suficiente para (re)criarem essa lembrança. Nesse sentido, as prisioneiras

recapitularam tudo que sabiam sobre o mundo de antes e perceberam que tinham esquecido muito, devido aos efeitos do encarceramento e privação sensorial. Em sua maioria, na vida anterior, elas tinham sido pessoas com pouca instrução, que viviam tranquilas em suas casas, cuidando dos filhos, do marido e executando todo trabalho doméstico que uma dona de casa estaria acostumada.

Ademais, em relação à rememoração do período pré-confinamento, as mulheres relatam que estavam em suas casas, seguindo o curso normal de vida e suas rotinas, quando, de repente — numa noite que parecia ser uma como qualquer outra — começaram os gritos e uma correria inexplicável. Portanto, essa parece ser a única memória em comum que elas têm desse lapso temporal, pois recordam-se somente de cenas indistintas, nas quais há muitas chamadas e a sensação de pavor crescente; após isso, há apenas a lembrança de já estarem dentro da jaula.

Em vista disso, as mulheres contam que no início do confinamento, elas tinham sido drogadas por muito tempo, o que nos faz pensar que isso ocorreu justamente para elas não se lembrassem de nada do que aconteceu entre o período de captura delas e o momento em que se inicia o confinamento na jaula: “Nenhuma das mulheres tinha a lembrança precisa de ter sido agredida, mas, Théa me contou depois, isso deve ter acontecido durante o período obscuro, no início do confinamento, para que um temor tão profundo se tivesse inscrito em nós” (Harpman, 2021, p. 25).

É interessante perceber que elas conseguem se recordar bem de suas vidas antes de serem presas, mas têm pouquíssimas memórias desse lapso pré-confinamento, lembrando somente de fragmentos que não são suficientes para que elas consigam recriar, de forma coletiva, em suas mentes o que aconteceu. Logo, a tese de que foram drogadas a fim de que a desorientação não permitisse que elas mantivessem recordações desse período é validada e nos faz pensar que o encarceramento das mulheres é, de fato, um experimento social em condução, devido ao conjunto de situações a que são submetidas.

Diante disso, consoante a Halbwachs, para que possamos contar com a colaboração da memória de outras pessoas, não é o bastante que elas compartilhem seus relatos conosco. É fundamental também que a nossa própria memória tenha continuado a se alinhar com as delas e que existam múltiplos pontos de convergência

entre ambas, de modo que a lembrança que nos é recordada possa ser reconstruída sobre uma base comum. Assim sendo, a reconstituição detalhada da imagem de um evento passado não é suficiente para obter uma memória:

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (Halbwachs, 1990, p. 34).

Dessa forma, em conformidade com Halbwachs, o fato de guardarmos recordações de experiências que nenhum dos nossos colegas daquela época compartilhou não é o suficiente para conceber uma prova de que nossa memória individual possa ser autossuficiente e que não dependa constantemente da memória dos outros.

Em períodos adversos, a memória coletiva tem a capacidade de ser uma fonte de resistência e resiliência para as mulheres, pois quando saem da jaula, rumam em busca de um destino que pudesse remontar o mundo que elas conheciam antes. Dessa forma, a esperança de encontrar uma cidade com vida ou que pelo menos revele indícios do que aconteceu com elas é o que motiva e dá coragem às mulheres, dando-lhes uma perspectiva de futuro, pois ao recordarem os desafios superados, o grupo pode encontrar força para enfrentar dificuldades presentes e futuras.

Apesar disso, a busca das mulheres acaba sendo em vão, porque após anos marchando em direção a esse objetivo, encontram apenas outras jaulas com pessoas mortas e sobrevivem em um ambiente inóspito somente com as provisões que recolhem a cada porção descoberto. Assim, elas perdem todas as esperanças e terminam se conformando ao fato de que suas existências foram resumidas a uma procura incessante por nada: “Elas tinham pensado em encontrar cidades, civilização: para mim, parecia normal nunca encontrar nada além das guaritas, e acho que elas estavam pressentindo isso. O universo do qual elas falavam me era desconhecido, eu não conseguia imaginá-lo” (Harpman, 2021, p. 88).

Por fim, para Halbwachs (1990, p. 81): “A memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo, que retém aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência

do grupo que a mantém”. Conseqüentemente, a memória coletiva das mulheres não se finda quando todas falecem, pois a Pequena, sendo a última sobrevivente — agora valendo-se somente de sua memória individual — é responsável pelo registro das memórias coletivas daquele grupo que outrora fez parte.

3.3 O papel do narrador na construção de memória(s)

Em relação ao papel da narradora na construção da sua memória individual e reconstrução da memória coletiva das prisioneiras a partir da escrita da narrativa, a protagonista — já no final de sua vida — propõe-se, a partir do que se recorda, a escrever a vivência que ela e as outras mulheres tiveram ao longo do tempo que passaram juntas. Esse processo vai ao encontro do que Benjamin (1987) cita em: “o narrador pode recorrer ao acervo de toda uma vida (...) que não inclui apenas a própria existência, mas em grande parte a experiência alheia” (p. 221), pois para ele a narrativa é a faculdade de intercambiar experiências.

Ainda, segundo Benjamin (1987), a arte de narrar está em processo de extinção, pois os seres humanos estariam se privando dessa faculdade de intercambiar experiências. Nesse sentido, o ato da Pequena de decidir narrar, de forma escrita, a experiência vivida por ela e as mulheres contribuiu para a formação de uma memória coletiva desse grupo, pois sem esse resgate mnemônico a história delas se desvaneceria, visto que, para ele: “a narrativa tem seu fundamento na memória, na ideia de reminiscência que funda a cadeia da tradição” (p. 211).

O autor também aponta a distinção entre a informação e a arte de narrar, mencionando que a informação só tem valor enquanto é nova, ao passo que a verdadeira narrativa não se entrega à imediatez do tempo para explicar os fatos. Pelo contrário, mesmo depois de muito tempo, ainda é capaz de suscitar espanto e reflexão. Além disso, também afirma que parte da arte de narrar deve-se ao fato de que na narrativa não são necessárias explicações.

Sendo assim, no que concerne ao que Benjamin (1987, p. 205) expõe sobre a presença do narrador na obra, é evidente que a Pequena — sendo a narradora personagem da história — imprime, no seu relato, os vestígios de sua existência, não

somente na qualidade de quem viveu a experiência, mas também como quem as relata. Dessa maneira, a escritora da obra em questão faz jus à situação da Pequena escrevendo a história de maneira bastante objetiva, em razão da protagonista ter uma visão limitada do mundo, o que não impede que a narrativa levante questões profundas em relação a pertencimento e sobre a constituição do sujeito como ser humano.

Nessa perspectiva, o estilo da escrita vai ao encontro do que Benjamin nos apresenta, pois apesar da aparente simplicidade da narrativa da Pequena, seu impacto no leitor pode ressoar por muito tempo. Por conseguinte, talvez não seja possível compreender inteiramente o teor do que foi lido no mesmo momento e de forma rápida, fazendo com que o leitor se assemelhe à personagem, tornando-se repleto de questionamentos.

Além disso, a narradora personagem, quando adolescente e ainda na jaula, desenvolve o gosto por criar histórias — pois se a única coisa que lhe restava era tentar imaginar o que acontecia nesse mundo desconhecido, então ela mesma criaria os próprios acontecimentos de sua vida, mesmo que ficcionais. Logo, ela relata que, à noite, pensava frequentemente em um dos guardas — o mais jovem — e ficava pensando em coisas que suas colegas tinham mencionado outrora e que eles fariam se estivessem juntos em outro mundo, como dançar, conversar e passear de mãos dadas; também fantasiava sobre seus lábios e em como seria o beijo deles, porém a falta de detalhes que tinha sobre esse ato a impedia de desenvolver essa ideia, fazendo com que ela não sentisse nada demais.

Até que certa noite, ela se lembra de ter ouvido as mulheres comentarem sobre interrogatórios, porque estavam surpresas de não ter havido um em algum momento. Então, descreve uma história que inventou sobre eles dois — que fez com que ela atingisse uma satisfação a qual ela chamava de arrebatamento. Nessa história, a Pequena imaginava que o guarda viria buscá-la, conduziria ela por alguns corredores e quando estivessem fora do campo de visão dos outros guardas ele sorriria, diria que ela não precisava ter medo e a abraçaria, o que a fez sentir um êxtase breve, porém extraordinário.

Assim, ela fantasia sobre o toque físico de outra pessoa, a partir dos conhecimentos que coletou através das histórias de suas companheiras. Embora não

conseguir entender de fato o que eram essas ações, em razão da ausência de referências, a personagem criou essa situação romântica e sexual no intuito de tentar satisfazer a falta de contato humano, por ser proibido pelos guardas que elas se toquem afetivamente, e para suprir, mesmo que somente por intermédio da imaginação, a relação amorosa que ela só poderia ter dessa forma.

Diante disso, a protagonista relata que sua imaginação foi se desenvolvendo, porque queria muito atingir novamente a sensação que teve ao chegar no clímax da sua história. Para tanto, ela conta que foi preciso “treiná-la com bastante disciplina”, pois não podia recorrer duas vezes à mesma história: “a surpresa era indispensável, como fui perceber depois de várias vezes tentando repetir o delicioso gesto que tinha me deixado nas nuvens sem ficar minimamente arrebatada” (Harpman, 2021, p. 17).

Dessa forma, é a partir dessa experiência com o ato de narrar — mesmo que somente de forma interna — que a Pequena vai aos poucos criando dentro de si a persona narradora que irá assumir ao final de sua vida, alegando que tornou-se uma espécie de engenheira de histórias, sendo capaz de detectar se ela começava mal ou se rumaria a um beco sem saída, podendo retomar os acontecimentos a fim de orientar a narrativa de forma mais adequada. Porém, estava ficando progressivamente mais difícil para ela conseguir alcançar o que tanto desejava, tendo que criar histórias cada vez mais complexas pois tinha a impressão de que algo dentro dela já sabia o que esperar, então precisava pegar-se desprevenida: “Algumas vezes fui obrigada a narrar por várias horas para desorientar meu público interior, que assim esquecia de desconfiar, se deixava capturar pelo prazer de ouvir, se divertia e baixava a guarda” (Harpman, 2021, p. 18).

Segundo Benjamin (1987, p. 201): “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Logo, a personagem apoia-se nas experiências das outras companheiras para “conhecer” o mundo como era antes, porque ela não o viu e também não veria após saírem da cela, pois quando libertas — apesar de estarem livres — estão, de certa forma, presas num imenso “deserto”, no qual elas só encontrarão outros porões, com outras quarenta pessoas que nem estarão mais vivas.

No decorrer do livro, é notável perceber o que Benjamin (1987, p. 198) cita em: “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”, pois as outras mulheres — em um dado momento — começam a “medir” a passagem do tempo a partir do corpo da Pequena. Por exemplo, como a menina nunca menstruou, elas ficam em dúvida sobre a idade dela, porque sabem que a menarca acontece em torno dos doze anos. Também se valem dos batimentos cardíacos dela para contarem as horas e assim poderem determinar quanto tempo se passou em alguma atividade.

De acordo com Benjamin (1987): “os narradores podem ser divididos em dois tipos arcaicos: o marinheiro comerciante e o camponês sedentário” (p. 199), sendo assim, o camponês sedentário é aquele que pode ter saído de sua cidade, conhecido vários lugares e ter muitas histórias para contar sobre suas viagens e que após uma certa idade, retornado e sem viajar mais, compartilha seus saberes com os outros. Também pode ser um ancião que apesar de não ter viajado, conhece inúmeras histórias e tradições, como por exemplo um líder indígena, que guarda em si histórias dos seus ancestrais e muitos outros saberes que transmite oralmente aos outros. Já o marinheiro comerciante é aquele que viaja muito, por vários lugares e que após retornar ao seu lar sempre tem conhecimentos para difundir e histórias sobre onde passou para contar aos que ficaram. Nesse caso, aqueles que recebem os saberes transmitidos pelos marinheiros comerciantes são os camponeses sedentários.

Posto isso, Benjamin (1987) ressalta que as melhores narrativas escritas são aquelas que menos se distinguem das narrativas orais contadas pelos diversos narradores. Isso ocorre porque há entre eles, os dois arquétipos de narradores mencionados acima, que se interpenetram, tornando a figura do narrador tangível. Portanto, segundo ele, as duas experiências: a de quem vai (do marinheiro viajante) e a experiência de quem fica (do camponês sedentário) aliadas entre si, nesse sistema corporativo, é o que torna a narrativa uma comunicação artesanal.

No que tange à dicotomia camponês sedentário e marinheiro comerciante, podemos perceber no livro que a protagonista — quando estava na cela — ocupava a posição de camponês sedentário, apenas recebendo passivamente das outras mulheres as informações sobre como era o mundo externo, pois nunca tinha saído do

lugar físico em que se encontrava. Dessa forma, as outras prisioneiras interpretavam o papel de marinheiro comerciante, pelo fato de que detinham os conhecimentos desse mundo e compartilhavam com a Pequena, que o desconhecia.

No momento em que lemos a narrativa, a protagonista — já idosa — está fazendo o papel de marinheiro comerciante, pois sendo a personagem mais nova do livro, ela é a única que sobra no final da história, logo cabe a si contar-nos sobre o evento traumático que aconteceu com ela e as mulheres. Ou seja, todas as experiências vividas por elas, dentro da jaula e depois da fuga rumo à civilização, são reunidas e transmitidas a nós leitores que representamos no momento da leitura o tipo arcaico de camponês sedentário.

Esse movimento de intercambialidade contempla o que Benjamin (1987) afirma em: “No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário” (p. 199). Isto é, o ato das mulheres de compartilharem seus saberes do mundo externo as colocava nessa posição de migrantes — ainda que tenham saído forçadamente de suas terras — transmitindo seus conhecimentos à Pequena no papel de camponesa sedentária, mas com a diferença de que ela não tinha nenhum saber do passado para incorporar ao das mulheres.

Visto isso, pode-se afirmar que o leitor também se encontra inserido nessa dicotomia, pois ao mesmo tempo que faz o papel do camponês sedentário ao ler a narrativa, aparentemente de forma passiva, também é convidado a ser marinheiro comerciante, em determinadas partes do livro nas quais a personagem não sabe de algo, mas o leitor sabe e acaba “ajudando” a completar a informação, deixando a leitura dinâmica.

A autora, valendo-se de uma manobra sagaz, sabe que o leitor irá preencher essas lacunas, participando assim da construção imagética da história, pois: “Todo texto presume, então, uma espécie de leitor empírico, presumível para todo e qualquer texto literário. Leitor por que é para ele que é direcionado, presumível na medida em que o autor trava um diálogo com o indivíduo que será seu “alvo”, uma imagem não física, mas prevista” (Eco, 2004, p. 17). Assim, as experiências que a narradora não tinha refletem substancialmente na narrativa, pois muitas vezes ela descreve coisas que

desconhece, porém isso não atrapalha a leitura, já que a intenção da autora era justamente de contar com as memórias do leitor para preencher essas informações.

Eu tentava imaginar uma conversa nossa naqueles tempos que eu não conheci: “Amanhã o dia vai estar bonito?”, “Você já viu os gatinhos recém-nascidos da vizinha?”, “Fiquei sabendo que sua tia vai viajar”. Mas eu nunca tinha visto gatinhos e não fazia ideia do que poderia ser um dia bonito, o que limitava meu devaneio (Harpman, 1995, p. 16).

Essa troca de papéis é um dos fatores que traz complexidade para a narrativa, tornando-a interessante para a análise, pois para Benjamin (1987): “A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendida se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos arcaicos”. Assim, podemos dizer que essa obra tem sua completude nesse quesito, pois há os dois tipos arcaicos dentro da narrativa: a protagonista *versus* as outras mulheres e a própria protagonista interpretando o mesmo tipo em momentos diferentes de sua vida; além do leitor, que também interpreta os dois tipos arcaicos ao mesmo tempo.

A narradora nunca perdeu as esperanças de encontrar uma civilização ou pelo menos uma pessoa viva, e mesmo depois de todas as mulheres do grupo terem morrido, ela continuou sua jornada em busca de alguma resposta. Porquanto, para ela era preferível continuar procurando algo ou alguém, visto que não conhecia nada do mundo, do que ficar parada simplesmente aguardando pelo seu fim.

Em uma de suas expedições, a personagem conta sobre um dos homens mortos que encontrou quando visitou um dos porões: ele encontrava-se sentado numa “poltrona” feita com alguns colchões, na qual ele permaneceu ereto e olhando para frente até o momento em que faleceu. Ao contrário desse homem, os outros colegas de jaula morreram, segundo ela, de forma menos digna, gritando e atirando-se contra as grades da cela. Pensando nisso, ela conta que guardará esse homem em sua memória, pois admirou a forma que ele se manteve até o seu fim e que no futuro gostaria de morrer de forma digna também: “Enquanto eu vivesse, a lembrança que tinha dele viveria também, haveria uma testemunha do seu orgulho e da sua solidão” (Harpman, 2021, p. 128).

De acordo com Benjamin (1987): “É no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e, sobretudo sua existência vivida — e é dessa substância que são feitas as histórias — assumem pela primeira vez uma forma transmissível” (1987, p. 207). Nesse sentido, a Pequena, quando fica idosa e doente, já não tendo mais condições de sair em expedição, resolve iniciar a escrita da história dela com as mulheres, pois para ela essa história era tão importante quanto as que eram escritas em um livro.

Assim, ela conta que ao longo da vida aprendeu a ler fluentemente — sendo ensinada pelas mulheres — apesar de considerar o processo de escrita bem mais difícil. Porém, como nunca recuara perante os obstáculos, tomou essa atividade como uma missão a ser cumprida antes de sua morte, para que sua vivência não tenha sido em vão e que não tenha sido apenas alguém que somente as falecidas mulheres conheceram.

Conforme Halbwachs (1990, p. 80), a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa surge apenas quando eles já estão distanciados do tempo passado, a fim de possibilitar que várias testemunhas conservem lembranças sobre essas experiências por muito tempo. Dessa forma, a Pequena relata a sua experiência e a das mulheres no intuito de que, um dia, algum caminhante errante tal como ela, encontre o porão no qual ela se abrigou, leia seu manuscrito e por meio deste reviva sua existência.

A menor das conversas dá origem ao tempo. Talvez eu tenha tentado criá-lo ao escrever estas páginas: eu as começo, as encho de palavras, as coloco umas sobre as outras e continuo não existindo, já que ninguém as lê. **Deixo elas para algum leitor desconhecido que provavelmente nunca chegará — não tenho nem certeza de que a humanidade tenha sobrevivido ao acontecimento misterioso que determinou minha vida** (Harpman, 2021, p. 167).

Desse modo, a narradora afirma que caso esse leitor tão desejado venha, ele vai lê-las — e então, ela terá um tempo na cabeça dele e ele terá os seus pensamentos inculcados em sua mente. Assim, a partir desse processo, o narrador e leitor se encontrarão entrelaçados, constituindo algo vivo; o leitor, após terminar a leitura do manuscrito não será mais o mesmo devido ao fato de que a história e das mulheres,

somadas à mente dele, passarão a fazer parte do seu pensamento tal qual uma simbiose.

Eu só estarei realmente morta se ninguém vier, se passarem tantos séculos, e depois tantos milênios, e este planeta, que já deixei de acreditar que é a Terra, não existir mais. **Enquanto as folhas cobertas pela minha escrita permanecerem em cima desta mesa, eu poderei me tornar uma realidade em alguma mente.** Então tudo desaparecerá, os sóis se apagarão e eu desaparecerei, como o universo (Harpman, 2021, p. 167, grifos meus).

Conforme Halbwachs (1990, p. 80), quando a memória de uma série de eventos não é mais sustentada um grupo, o qual esteve envolvido ou que dela suportou as consequências, tenho testemunhado ou recebido um relato vivo dos participantes iniciais, então a única maneira de preservar tais lembranças, é registrá-las por escrito em uma narrativa, uma vez que as palavras e os pensamentos esvanecem, mas os escritos permanecem.

Dessa forma, para concluir, a história da Pequena, apesar de todas as intempéries, pôde eternizar-se por meio de sua narrativa escrita. Portanto, Benjamin, paralelamente ao raciocínio de Halbwachs, expõe que: “Ninguém morre tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si. Em todo caso, ele deixa reminiscência, embora nem sempre elas encontrem um herdeiro.” (Benjamin, 1987, p. 212)

4 SOBRE IDENTIDADE E CULTURA

Segundo Hall (2006), a construção de um indivíduo nunca se fará em “uno”, mas será elaborada mediante as diferenças, ao outro e ao meio social, entendendo a reconstrução identitária como um contínuo. Para o autor, as identidades são construídas através da diferença e não fora dela, logo, perceber essa característica suscita no reconhecimento de que é somente pelo intermédio da relação com o outro e da relação com aquilo que não se é — mais precisamente aquilo que falta — com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo — e, assim, sua “identidade” — pode ser construída (p. 110).

O conceito de identidade pode ser definido de inúmeras maneiras, mas ao atrelar memória e identidade temos em Michel Pollak uma síntese destes dois processos quando o autor diz que identidade é uma:

[...] imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo de sua vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, por acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (Pollak, 1992, p. 204).

De acordo com Denys Cucho (1999), a identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculado a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação. Dessa forma, a identidade possibilita que o indivíduo se localize e seja localizado em um sistema social e seja localizado socialmente. O indivíduo se localiza, no sentido de pertencer, conseguindo situar-se nesse sistema e é localizado socialmente, pelos outros, em relação ao papel que desempenha nessa sociedade (Cucho, 1999, p. 177).

4.1 Identidade individual

Segundo Cucho (1999, p. 182), a identidade é uma construção que se elabora em uma relação de oposição entre grupos que estão em contato. Além disso, a identidade é um modo de categorização utilizado por esses grupos para organizar suas

trocas. Ainda, para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. Nesse sentido, consoante a Cuche (1999), cada indivíduo integra de forma sintética a variedade das referências identificatórias que estão ligadas à sua história. Também de acordo com as dimensões do grupo ao qual ele faz referência em uma ou outra situação relacional, o indivíduo tem consciência de ter uma identidade de forma variável (p. 194).

As limitações da infância da Pequena contribuíram para a formação de sua identidade, visto que a falta de conhecimento sobre objetos e situações limitou suas referências e, conseqüentemente, seu entendimento de representação do mundo. Sendo assim, à medida que cresce, a menina passa a compreender como seu mundo e o conhecimento que pode adquirir dele são limitados. Isso ocorre pois Pequena não consegue de fato entender o que são as coisas que as companheiras explicam e assim percebe sua diferença em relação às outras mulheres; em razão da falta de certas experiências, seus sentimentos a separam das adultas. São nesses momentos que a personagem se questiona sobre a humanidade, o que a constituiria como humana e qual seria o significado da vida.

Sem ter contato nenhum com o mundo exterior ou sequer memórias dele, não é possível dizer que a Pequena tinha alguma identidade até o momento em que se encontra dentro da jaula. Porquanto, é a partir da convivência com as outras mulheres que sua identidade se forma, o que corrobora a ideia de Hall de que o indivíduo se constitui através jogo opositivo entre ele e o outro e, da relação entre o meio no qual se está inserido.

Eu só conheço a planície pedregosa, a errância e a lenta perda da esperança, eu sou o rebento estéril de uma raça da qual nada sei, nem mesmo se ela já desapareceu. Pode ser que, em algum lugar, a humanidade esteja brilhando sob as estrelas, sem saber que uma filha do seu sangue termina seus dias no silêncio. Não há nada que possamos fazer (Harpman, 2021, p. 107).

Nesse sentido, percebe-se que com a Pequena ocorre um processo inverso do que o das mulheres, visto que ela vai construindo sua identidade ao longo da narrativa, enquanto as mulheres que já tinham suas identidades individuais estabelecidas acabam

as desconstruindo, perdendo suas percepções de quem são como resultado da ruptura com a cultura que conheciam e da privação de espaço e perda de senso temporal que sofreram através do processo de desumanização imposto a elas.

Em sua maioria, as mulheres que foram aprisionadas tinham pouca instrução e, antes dos acontecimentos que as levaram à jaula, cuidavam de suas casas, criavam seus filhos; as que trabalhavam tinham profissões como vendedoras em lojas, garçonetes e caixas. Em determinado momento, as mulheres — quando ainda são prisioneiras — decidem parar de “ignorar” a Pequena e começam a compartilhar suas histórias de vida: “Francine tinha sido casada e tido dois filhos, Paul e Marie. No momento da catástrofe, havia um terceiro em questão e, por conta daquele borrão terrível nas lembranças, ela não sabia se estava grávida e tinha perdido o filho ou se ele ainda não passava de um projeto” (Harpman, 2021, p. 105). Pequena relata:

O marido dela se chamava Lucien, ela o conhecera aos vinte e três anos, logo depois de uma decepção amorosa da qual ela achava que nunca iria se recuperar. Enquanto contava, ela ficava repetindo: — Mas isso tudo é tão banal, é a história de todo mundo! (Harpman, 2021, p. 104).

À vista disso, pode-se perceber que as mulheres que tinham uma rotina definida, como as que cuidavam da casa, se acostumaram rapidamente a fazer as mesmas coisas dentro da jaula, tornando-se acomodadas àquela cultura e hábitos. No entanto, a Pequena, após a fuga, critica essa situação, porque não conhecia nada do mundo e queria explorar. Nesse sentido, se a esperança é a única coisa que lhe resta e ela não tem nada a perder, então ela intenta vagar até encontrar uma civilização ou outro grupo para pertencer. Isso se explicita quando a narradora nos diz que:

Apenas Théa estudara: depois de ser datilógrafa por alguns anos, ela voltara à escola para se tornar enfermeira e tinha acabado de se formar quando veio o confinamento¹. Ela tinha esquecido bastante coisa. **As outras mulheres não tinham visão das coisas e eram desorganizadas, ficavam presas às rotinas rápido, nunca desenvolveram habilidades além das necessárias** (Harpman, 2021, p. 75, grifos próprios).

¹Apesar de citar profissões como enfermeira e datilógrafa, não há referência temporal do “nosso mundo”, isto é, apesar da obra ter sido publicada em 1995, não se sabe em qual década se passa a história.

Dessa forma, a obra possibilita que o leitor reflita junto com a narradora personagem sobre o que faz com que uma pessoa seja mais ou menos humana. Assim sendo, se o ser humano é necessariamente um ser social, então estar inserido em um grupo/cultura é o que contribui para a formação da sua identidade e seu desenvolvimento como sujeito. Levando isso em conta, vê-se a importância da memória coletiva e da vida social, pois se a cultura é um conjunto de significados compartilhados que são construídos a partir da identidade – que é a representação de algo – logo, é necessário acionar os conhecimentos de mundo que se encontram na memória coletiva de um grupo.

4.2 Identidade coletiva e cultura

De acordo com Hall (1997a), a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta em relação aos outros. Dessa maneira, estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações, permitindo-nos interpretar as ações alheias. Em conjunto, esses sistemas constituem nossas "culturas", contribuindo para assegurar que toda ação social é "cultural", que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado, assim sendo práticas de significação (Hall, 1997a, p. 26).

Segundo Tomaz Tadeu Silva (2014), na medida em que não existe nenhuma "comunidade natural" em torno da qual se possam reunir as pessoas que constituem um determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada, imaginada. É necessário criar laços imaginários que permitam "ligar" pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum "sentimento" de terem qualquer coisa em comum (Silva, 2014, p. 85). No que concerne ao pertencimento, a narradora afirma que nunca entendeu muito bem as mulheres, porque não conhecia nada das coisas que falavam. Então, uma delas lhe diz que ela é a única que pertence àquele lugar, por ter vivido ali por quase toda vida. Porém, a Pequena nega e recusa-se a dizer que é pertencente dali, mas que na verdade é aquele mundo que pertence a ela.

Conforme Pedro Bandeira (1999, p. 29), o sentimento de pertencimento a uma comunidade é resultante de processos políticos, sociais e culturais, nos quais as pessoas se percebem com afinidades e interesses comuns apesar das diferenças e divergências que possam ter. Desse modo, foi criada uma identidade coletiva das mulheres, pois estavam todas em um mesmo grupo, compartilhando uma situação em comum e convivendo em uma cultura que foi restaurada parcialmente com base nos conhecimentos do mundo externo.

Para Pollak (1992), se é possível dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno social e individualmente construído, no caso da memória herdada, pode-se também dizer que há uma conexão fenomenológica muito estreita entre a memória e o senso de identidade. Em relação a isso, vê-se que a Pequena queria extrair o máximo de conhecimento que as mulheres tinham, a fim de criar cada vez mais uma identidade que fizesse com que ela alcançasse o sentimento de pertencimento, mesmo que — no início da narrativa — muitas não quisessem compartilhar suas experiências com ela.

Porém, em dado momento, as mulheres perceberam que não fazia sentido privá-la de saber as coisas, que era cruel guardar tudo para si como se fosse um segredo, pois naquela altura todas estavam na mesma condição. Além disso, a narradora alega que sendo a pessoa mais nova dentre elas, provavelmente ela faleceria por último, então era necessário que ela soubesse o máximo possível para que conseguisse viver sozinha, já que não teria mais ninguém para ajudá-la.

Saber serve pra saber! Às vezes a gente pode fazer alguma coisa com o que sabe, mas isso não é o mais importante. Eu quero saber tudo o que existe pra saber, por nada, por prazer, e agora eu exijo que você me ensine tudo o que sabe, mesmo que eu nunca vá usar pra nada (Harpman, 2021, p. 97).

Após a fuga da jaula, a narradora relata que as mulheres não gostavam mais, como antes, de falar do passado. No entanto, sabendo que o caminho a ser percorrido seria longo, a personagem aproveita a oportunidade para aprender cada vez mais sobre o mundo, instigada pelos ensinamentos de Théa. Estando menos relutante em questioná-las, Pequena inicia um diálogo com suas companheiras a fim de entender mais sobre como era o cotidiano delas. A princípio as mulheres hesitam, mas eventualmente concordam em compartilhar suas histórias com ela. No começo, elas

contavam diretamente para a Pequena apenas como respostas às suas perguntas, porém ela percebeu que suas companheiras nunca tinham compartilhado suas histórias com ninguém e que aquele estava sendo um bom exercício para se lembrarem de quem eram (Harpman, 2021, p. 104). Isso vai ao encontro da descrição de Hall (2000):

[...] O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. **Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente** (Hall, 2000, grifo próprio).

Nesse sentido, a personagem Pequena, ao longo da narrativa, construiu sua identidade individual a partir das memórias coletivas narradas pelas mulheres. Sendo assim, é possível dizer que ela se tornou um pouco de cada mulher, pois a sua identidade foi moldada através da representação de mundo de cada uma. Dessa maneira, no tocante à relação dialética entre identidade e alteridade, sabe-se que o ser humano é um ser social: ele interage e é interdependente do outro, e a existência do eu-individual só é permitida por intermédio do contato com os demais.

De acordo com Cucho (1999), a cultura não é algo dado, como uma herança passível de ser transmitida imutavelmente através de gerações; em vez disso, ela é uma construção influenciada pelo contexto histórico das experiências e, principalmente, pelas relações estabelecidas nos grupos sociais que coexistem. Assim, a narradora relata que quando estava criando aquelas histórias sobre ela e o guarda, as mulheres perceberam que ela estava diferente e queriam saber o porquê, mas a Pequena se negava a contar, afirmando que da mesma maneira que as prisioneiras não queriam lhe contar sobre a vida antes do confinamento, ela também tinha direito de ter os seus segredos.

Quando ela se nega a contar, uma das mulheres mais velhas que a questiona se ofende quando a Pequena retruca, e a chama de insolente. Então a narradora reflete sobre por que ela deveria agir de acordo com o ordenado pela mais velha: “Eu tinha sido acostumada a respeitar a vontade das mulheres, principalmente das mais idosas, que eram consideradas autoridades, mas tudo tinha mudado, pois eu já não via em que

se baseava essa autoridade. De repente eu estava descobrindo que elas não tinham poder nenhum” (Harpman, 2021, p. 20).

Assim sendo, pode-se observar que há uma ruptura em relação à cultura pois o ato de uma pessoa mais nova dever responder a mais velha é construído socialmente, conferindo àquela mais velha um grau de autoridade que é mutuamente acordado entre os indivíduos de um grupo. Conforme Harpman (2021, p 21), para Pequena, que cresceu no contexto do cárcere, havia o entendimento de que a hierarquia que existia no mundo anterior estava desfeita: ela não sentia que devia respeito às mulheres mais velhas.

Nesse sentido, vê-se que como a Pequena não tinha conhecimento sobre esses acordos culturais, ela não entendia por que deveria se comportar de certa forma, pois para ela, se todas as mulheres estavam presas e quem detinha a autoridade naquele momento eram os guardas, então aquela convenção social já não fazia mais sentido algum: “Ela era a herdeira de uma tradição da qual eu não tinha feito parte: quando a mais velha pede uma resposta à mais nova, a mais nova responde. Ela nunca tinha posto isso em causa, mas eu, crescida no porão, já não tinha motivos para me submeter” (Harpman, 2021, p. 21).

De acordo com Hall (1997b), os objetos, pessoas e eventos só adquirem significado através de uma representação mental que lhes confere um determinado sentido sociocultural. Logo, esse é um processo não somente do plano do pensamento, mas que age sobre a sistematização das relações e sobre a própria prática social. Dessa forma, a compreensão da cultura com enfoque na importância do significado e na formação de um senso comum através de um conjunto de práticas estabelecidas pela produção e troca de significados, desempenhará um papel fundamental na análise do conceito de representação.

Em vista disso, Hall (1997b) baseia suas ideias sobre o funcionamento da linguagem como processo de significação a partir do conceito de cultura como um conjunto de significados partilhados. Visto isso, entende-se que se a linguagem confere sentido, esses significados só são possíveis de serem partilhados mediante o acesso comum a ela, que opera como sistema de representação, sendo assim, a

representação através da linguagem é fundamental para os processos pelos quais é produzido o significado.

Como aponta Hall, as representações sociais construídas são muitas vezes compartilhadas e seus produtos inserem-se nas práticas diárias de diferentes grupos, proporcionando sentido à realidade e guiando condutas. Dessa maneira, esse produto, resulta então, em identidades sociais ou compartilhadas. O teórico enfatiza que as identidades sociais devem ser pensadas como construídas no interior da representação, através da cultura, sendo resultantes de um processo de identificação que possibilita os sujeitos de se posicionarem no interior das definições fornecidas pelos discursos culturais.

No que concerne à construção de identidade a partir de uma cultura, conforme as mulheres vão desconstruindo suas identidades individuais, elas começam a questionar se estão vivendo em um espaço temporal artificial, pois em dado momento, passam a agir de acordo com a “rotina” imposta pelos guardas. Isso ocorre porque a cada “dia” que se inicia, as luzes são aumentadas, então elas sabem que é preciso agir como se fosse de manhã, sendo assim, elas acordam, empilham os colchões e se preparam para comer a primeira refeição e só sabem que esse dia acabou porque as luzes são diminuídas. Até certa parte da narrativa, dentro da jaula não se pode ter certeza de que elas vivem em um ritmo de vinte e quatro horas, porque elas não têm como medir o tempo, sendo reduzidas à privação absoluta; somente depois, quando a Pequena passa a contar o tempo através de seus batimentos cardíacos que elas conseguem entender que, de fato, não vivem um dia solar completo.

Em relação à identidade das mulheres quando inseridas naquele grupo, elas notaram que mesmo reunidas em quarenta, não tinham absolutamente nenhum vínculo e muitas não falavam a mesma língua. Dessa maneira, foi possível perceber que houve uma seleção meticulosa ao aprisioná-las, pois somente isso explicaria o fato de terem agrupado completas desconhecidas. Nesse sentido, torna-se perceptível que a intenção de juntar mulheres de diversas culturas e línguas, além de não terem vínculos, era uma tentativa de minar seus contatos e os denominados pontos de convergência relacionados às suas memórias coletivas. Esse ocorrido é explicado quando Théa diz que: “Para você ver o trabalho que isso representa: eles organizaram tudo para que

nenhuma de nós conhecesse as outras. Eles nos pegaram nos quatro cantos do país, e até em vários países, inclusive checando se o acaso não iria reunir duas primas ou duas amigas separadas pelas circunstâncias” (Harpman, 2021, p. 34).

Ainda, Théa relata que apesar de terem sido privadas de tudo aquilo que as faziam seres humanos, elas conseguiram se organizar, reconstruindo de forma parcial uma cultura que remetesse àquela do mundo anterior, com o propósito não somente de sobrevivência, mas também porque, quando se é humano, não se pode evitar. A personagem evidencia isso quando diz: “Nós recriamos regras com o que nos restou, nós inventamos um protocolo” (Harpman, 2021, p. 53)

Nesse sentido, em sua abordagem construtivista sobre representação, Hall afirma que a linguagem é considerada como um produto social no qual os significados são construídos através dos sistemas de representação. Conforme o autor, ao contrário do que se pensa, é o sistema linguístico que desempenha a função de transmitir significação e não o mundo material, ainda, ele ressalta o caráter que o discurso tem de, ao mesmo tempo em que produz sujeitos, determina o lugar que eles ocuparão como sujeitos.

4.3 O papel do narrador na construção de identidade(s)

A partir da percepção de que os discursos são constituídos como redes de significações, Hall (1997a) considera que eles são tomados pelos sujeitos para interpretarem a si, acabando por produzi-los. A Pequena, por não ter feito parte daquele mundo anterior, não se permite ser interpelada completamente pela reprodução, por parte de suas companheiras, do discurso social dominante daquela época e do contexto sociocultural no qual as mulheres estavam inseridas antes do confinamento.

Nesse sentido, a narradora, nota desde sempre que é diferente das outras companheiras, mesmo que os guardam expendam esforços para reduzi-las a somente um grupo de mulheres aprisionadas, o que é revelado no trecho: “Eles alimentam quarenta mulheres, aquecem elas e distribuem coisas para se vestirem. Para eles, nós não temos nome, eles nos tratam como se nada nos diferenciava umas das outras. Eu sou eu. Eu não sou um quadragésimo de um rebanho, uma cabeça de gado entre as

outras” (Harpman, 2021, p. 41). Isso posto, em razão da personagem ter noção do que marca sua diferença em relação às outras mulheres, denota que ela já está desenvolvendo sua identidade própria, pois a identidade é construída a partir da oposição em relação ao outro, logo a narradora tem consciência de que é o que o outro não é.

Dessa forma, vê-se que quando é criada uma história narrativa sobre quem se é, está sendo desenvolvida uma representação de si, que culmina na construção da identidade. Sendo assim, o sujeito consegue compreender sua posição no mundo quando cria uma narrativa coerente sobre sua existência, percebendo que o que lhe constitui é, justamente, os traços distintivos que lhe faltam em relação ao outro.

A representação, para Hall, é como as coisas se materializam, sendo assim, se o sujeito é dotado de linguagem para falar de quem se é, sua identidade vai se materializando a partir disso, fazendo com que ele seja entendido pela sociedade. Desse modo, o sujeito vai se inserindo nos discursos identidade e cultura, que estão intrinsecamente ligados à alteridade.

Ainda conforme Hall (2014, p. 112), as identidades são pontos de apego temporário às posições-de-sujeito construídas pelas práticas discursivas para os indivíduos. Nesse contexto, as identidades são as posições que o sujeito é compelido a assumir, consciente de que tratam-se de representações, que são sempre construídas através de uma “falta”, alicerçada no lugar do outro. Stephen Heath amplia essa perspectiva ao abordar a constituição do sujeito através da formação discursiva, processo de sujeição no qual o indivíduo é identificado como sujeito para a formação discursiva através de um intrincado jogo de falso reconhecimento, sendo apresentado como fonte de significados dos quais é, na realidade, um mero efeito (Heath, 1981, p. 101 *apud* Hall, 2014, p. 115).

Nesse cenário, a linguagem, como produto social, desempenha um papel crucial na construção de significados por meio de sua estrutura representativa, a língua. O ato das mulheres narrarem oralmente eventos e descreverem o mundo à Pequena emerge como um catalisador para o desenvolvimento de sua identidade, pois elas se utilizam da língua a fim de produzir os significantes dos signos para a Pequena, que tenta com as informações que possui, formar a representação mental do signo: o significado.

A palavra, como veículo de representação, permite sua inserção em uma cultura, tecendo as bases para a construção de sua narrativa identitária. Assim sendo, os conceitos de língua e cultura são indissociáveis, visto que a cultura cria e articula sua linguagem visando atender suas necessidades e, principalmente, seus interesses.

Aliando isso à dicotomia benjaminiana, a Pequena, enquanto camponesa sedentária recebia, por intermédio das narrações orais, os saberes contidos nas memórias coletivas das mulheres. Desse modo, o ato de outras pessoas narrarem os conhecimentos do mundo para alguém desempenha um papel fundamental na formação da identidade dessa pessoa. A linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um veículo para transmitir cultura, valores, perspectivas e conhecimentos sobre o mundo.

Assim, as mulheres, nessa posição-de-sujeito de marinheiras comerciantes, contribuíram substancialmente para a constituição da identidade individual da protagonista, já que quando descrevem informações e narram histórias e experiências à Pequena, estão compartilhando não apenas dados objetivos, mas também suas interpretações, emoções e contextos culturais. Dessa maneira, essas narrativas ajudaram a protagonista a moldar sua compreensão do mundo e a visão de si e dos outros. A identidade da narradora só pôde ser construída porque a narrativa das mulheres acarretou diversos processos internos, possibilitando que ao ouvir os relatos de suas companheiras, ela adquirisse uma ampla variedade de conhecimentos, como tricotar, construir “casas” e até as experiências pessoais relacionadas a sentimentos; essas narrativas auxiliaram-na a expandir o entendimento sobre o mundo anterior e suas complexidades.

Ainda, os relatos compartilhados refletiam as culturas, tradições e valores das comunidades de onde as companheiras surgiram, então, a partir da transmissão e internalização desses aspectos, a Pequena pôde desenvolver um senso de identidade cultural, entendendo sua própria posição-de-sujeito dentro daquela comunidade e, de certa forma, na sociedade que outrora fez parte.

Além disso, essa troca proporcionou o desenvolvimento de empatia e compreensão — não somente da Pequena para com as mulheres, mas também entre o grupo todo — em relação às diferentes experiências de vida, perspectivas e desafios

enfrentados por indivíduos tão diversos; tudo isso ocasionado pelo reflexo da alteridade, que permitiu às mulheres o reconhecimento de suas diferenças e singularidades, promovendo maior tolerância e respeito entre elas. Por fim, ao ouvir as narrativas externas, os indivíduos são capazes de se verem refletidos através das histórias de quem conta, assim suscitando reflexões sobre suas próprias experiências e identidades, a fim de impulsionar seu autoconhecimento.

A identidade, portanto, é uma narrativa coletivamente forjada e mutuamente consentida, na qual diversas narrativas se confrontam e se entrelaçam. A personagem, ao reconstruir sua história e a de suas companheiras por meio da escrita, compreende-se como sujeito. A rememoração de seu passado, desde a jaula até o presente, torna-se uma jornada reveladora, permitindo-lhe compreender as nuances de sua humanidade. Embora, em dado período, compartilhe uma identidade coletiva com outras mulheres, a Pequena também reconhece sua identidade individual única.

Desse modo, a Pequena, como narradora, assume o papel crucial de construir sua própria identidade. Assim, a memória coletiva das mulheres e as representações linguísticas proporcionam os elementos necessários para a tessitura dessa narrativa identitária. Através desse processo, ela não apenas se insere na trama cultural que a circunda, mas também se torna arquiteta ativa de sua própria identidade, transcendendo as limitações impostas pelas posições-de-sujeito predeterminadas pelas práticas discursivas.

Para Valentin Volóchinov (2019), integrante do Círculo de Bakhtin, o sentido não se situa no sujeito, que é o produtor, tampouco na palavra, mas na enunciação, no ponto de contato entre os sujeitos que interagem. Dessa maneira, a teoria de Hall vai de encontro à concepção bakhtiniana de dialogismo, visto que para o autor as subjetividades dos sujeitos são produzidas, parcialmente, de modo discursivo e dialógico, convergindo para a compreensão de que as identidades são construídas de forma discursiva, destacando a importância do diálogo e das interações entre os sujeitos.

A ênfase na importância da enunciação, como ponte entre os indivíduos, destaca a natureza dialógica do processo identitário, ressaltando que o sentido não reside apenas no sujeito individual ou na palavra isolada, mas na relação que estabelecem

entre si. Portanto, a inter-relação entre os conceitos de Volóchinov, Hall e a narrativa da Pequena evidencia a complexidade e a multidimensionalidade do processo identitário, destacando a influência dos discursos, da linguagem e da interação social na construção e representação das identidades individuais e coletivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, o presente trabalho teve como principal objetivo apresentar uma análise do romance *Eu que nunca conheci os homens* (2021), da escritora e psicanalista belga Jacqueline Harpman, por meio da perspectiva benjaminiana de narração, com base nas teorias de memória de Maurice Halbwachs e identidade de Stuart Hall. O estudo buscou debater a complexidade da relação entre memória e identidade e destacar a importância do ato de narrar na construção desses dois aspectos, ressaltando a relevância dos quadros sociais na constituição da memória individual da protagonista e na identidade coletiva.

Fazendo uma ligação entre o aporte teórico de Benjamin e o romance analisado, a análise visou demonstrar que a memória não é apenas um registro do passado, mas uma ferramenta essencial na construção da narrativa pessoal e na identidade, tanto individual quanto coletiva. A protagonista, Pequena, por viver em um ambiente restrito, teve como única fonte de conhecimento o que era narrado à ela pelas outras mulheres, sendo assim, pôde-se perceber que a influência do contexto social e a memória coletiva tiveram papéis cruciais na formação da sua memória individual. A monografia também destacou a importância da memória coletiva na preservação de histórias e culturas, elementos essenciais para a formação da identidade da narradora.

A dicotomia entre camponês sedentário e marinheiro comerciante esteve evidente na história e permeou a análise da obra, refletindo a posição da protagonista na jaula e sua transformação ao longo da narrativa. Ficou notável que esses dois arquétipos se apresentaram na análise global da obra, mostrando que a narradora, suas companheiras e o próprio leitor assumiram esses papéis de forma intercambiável durante a leitura.

À vista disso, foi possível perceber no texto que a interação com outras mulheres moldou a identidade da Pequena conforme a teoria de Hall sobre o jogo opositivo entre o eu e o outro. Nesse sentido, a pesquisa sobre a obra possibilitou a reflexão sobre o que é necessário para a constituição de uma pessoa como ser humano, ressaltando a importância do pertencimento a um grupo/cultura na formação da identidade.

A conexão entre memória e senso de identidade mostrou-se evidente na construção da identidade individual da Pequena a partir das memórias coletivas de

suas companheiras, pois a protagonista se torna um reflexo das diversas facetas das mulheres, demonstrando a interdependência do eu-individual com o coletivo.

Ainda, o texto apresenta que mesmo com todas as limitações impostas à Pequena, ela sempre conseguiu, a partir de sua individualidade, ter um pensamento crítico apurado, ao contrário da maioria das suas companheiras, que apesar de terem acesso a diversos conhecimentos no mundo anterior, acabaram se resignando à condição social imposta a elas. Porém, a protagonista mostra-se diferente das outras mulheres não somente pela força de seu caráter, mas também por não ter sido inserida na sociedade anterior, que sabe-se que é machista e misógina, sendo assim, essa resignação de suas companheiras tem a ver com o fato de que elas foram interpeladas pelo discurso cultural dominante perpetuado na sociedade em que se encontravam antes do encarceramento.

A narrativa da Pequena contribuiu para a reconstrução da identidade de suas companheiras resgatando a memória de quem elas eram antes do confinamento e registrando na sua narrativa, no intuito de, se algum leitor encontrasse esses registros, pudesse saber quem elas realmente foram, assim suas identidades não seriam resumidas à um grupo de quarenta mulheres desconhecidas.

Em última análise, a história da Pequena, marcada por desafios e superações, é eternizada por meio da narrativa escrita, conforme a visão de Benjamin sobre a permanência da reminiscência. A dialética entre memória e identidade revela como esses elementos se entrelaçam, moldando trajetórias de vida e narrativas que transcendem as limitações impostas pelo esquecimento. Em suma, a obra destaca a importância da memória e da identidade na formação do sujeito e da coletividade, assim, o presente estudo proporcionou uma reflexão profunda sobre o significado de ser humano em sociedade, podendo contribuir não somente para enriquecer as pesquisas sobre a autora — visto que não há muitos estudos em língua portuguesa sobre ela — mas também para estudos futuros sobre a inter-relação desses dois conceitos no contexto literário.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Pedro. **Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional**. Brasília: IPEA, 1999.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.
- CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 22. n. 2, p. 15-46, 1997a.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. The work of representation. *In*: HALL, Stuart (org.) **Representation: Cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997b.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 103-133.
- HARPMAN, Jacqueline. **Eu que nunca conheci os homens**. Tradução de Diego Grando. Porto Alegre: Dublinense, 2021.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RESENDE, Marcelo Branquinho. Espectros da alteridade na obra de Jacqueline Harpman. **FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em**

Literatura e Crítica Literária, São Paulo, n. 22, p. 151–166, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2019i22p151-166>. Acesso em: 28 jan. 2024.

RIOS, Fábio. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 1, p. 1-22, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>. Acesso em: 28 jan. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petropolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.